

AI QUE SAUDADE ME DÁ

Irlam Rocha Lima
Da equipe do **Correio**

Ney Matogrosso se lembra dos passeios pela W3 Sul. Zélia Duncan guarda na memória a turma do Colégio Marista. Oswaldo Montenegro não esquece do Concerto Cabeças. Dinho Ouro Preto diz que a melhor coisa era o agito no Gilbertinho. Françoise Fourton sonha com o pôr-do-sol. Oscar do basquete se emociona ao falar do Unidade de Vizinhança. Fred, dos Raimundos, não trocava a coxinha de milho do Pamonhão Kalu por nada. Ricarda, da Seleção Brasileira de Vôlei, sempre se recorda dos passeios no Parque da Cidade.

Mas, nas reminiscências de antigos moradores de Brasília, que fazem sucesso lá fora, uma quase unanimidade é o bate-papo no Beirute, o tradicional bar e restaurante da 109 Sul, tido como “a cara da cidade”, ponto de encontro das mais diversas tribos.

Saudosista assumido, Ney Matogrosso não esconde sua preferência pela cidade que conheceu e viveu entre 1961 e 1966 e, depois, de 1968 a 1970. “Brasília era muito interessante e avançada para a época. Na UnB aconteciam coisas que não eram vistas em São Paulo ou no Rio de Janeiro. O concerto da Orquestra de Nuremberg, por exemplo, foi gratuito.”

Ney, que se descobriu artista em Brasília, fala com certa dose de nostalgia dos passeios pela W3 Sul, na década de 60, “onde todo mundo se encontrava”. Ele conta que costumava ir, com os amigos, assistir a filmes no Cine Cultura (onde hoje funciona o Instituto Candango de Solidariedade) e depois comer pizza no Caravelle, que ficava ao lado, na 507 Sul.

Durante a estada aqui, o cantor morou na 103 e 108 Sul, e trabalhou na unidade de Pediatria do Hospital Distrital (atual Hospital de Base). “Não me

agrada a Brasília de hoje. A cidade, cercada de favelas por todos os lados, tem todos os problemas das grandes metrópoles e perdeu a qualidade de vida que era uma das suas características.”

VIZINHANÇA

Outra que guarda “ótimas lembranças” da capital é a cantora e compositora Zélia Duncan. “Está tudo bem nítido na memória. Como é que vou esquecer da 109 Sul, a quadra em que morei, no bloco C, por mais de 20 anos? Do Unidade de Vizinhança, clube onde jogava basquete e nadava; da Academia Lúcia Toller, onde fiz balé? São lugares e coisas que marcaram minhas infância e adolescência.”

Das recordações de Zélia fazem parte também a passagem pelo Colégio Marista, onde fez primeiro e segundo grau, tocou na banda e integrou a equipe de basquetebol. “Foram contemporâneos meus no Marista o Dado Villa-Lobos (guitarrista da Legião Urbana); o Dinho Ouro Preto (vocalista do Capital Inicial); e o Marcelo Saback (ator e diretor de teatro). Com o Marcelo fiz o primeiro show da minha vida, na Sala Funarte”. Zélia lembra até o dia: 19 de maio de 1981.

Ela lembra que foi dirigida no musical *Veja Você Brasília*, por Oswaldo Montenegro. O *Menestrel*, que começou a carreira artística na década de 70, em Brasília, recebeu no ano passado o título de cidadão honorário. A razão: é o compositor que fez mais músicas falando da cidade.

Isso desde o tempo do Concertos Cabeças, para Montenegro uma das melhores lembranças que guarda daqui. “Foi no Cabeças, no gramado da 311 Sul, que cantei em público pela primeira vez *Léo e Bia*. E com os personagens da música na platéia. Léo Roberto (hoje microempresário), e os irmãos Paulo André e Ciça (músicos) eram companheiros inseparáveis do autor de *Pra Longe do Paranoá*, nas idas ao Beirute, e à UnB, “onde assistíamos a concertos.”

Montenegro, ex-morador da 104 Sul, quando volta à capital fica na casa dos pais no Lago Sul, e costuma ir à Academia de Tênis, “ver filmes, jantar e bater papo com Ulisses Machado e Rafke Macau, também compositores, e Léo. Engraçado, nunca mais voltei ao Beirute, que gostava tanto.”

NA BARRAGEM

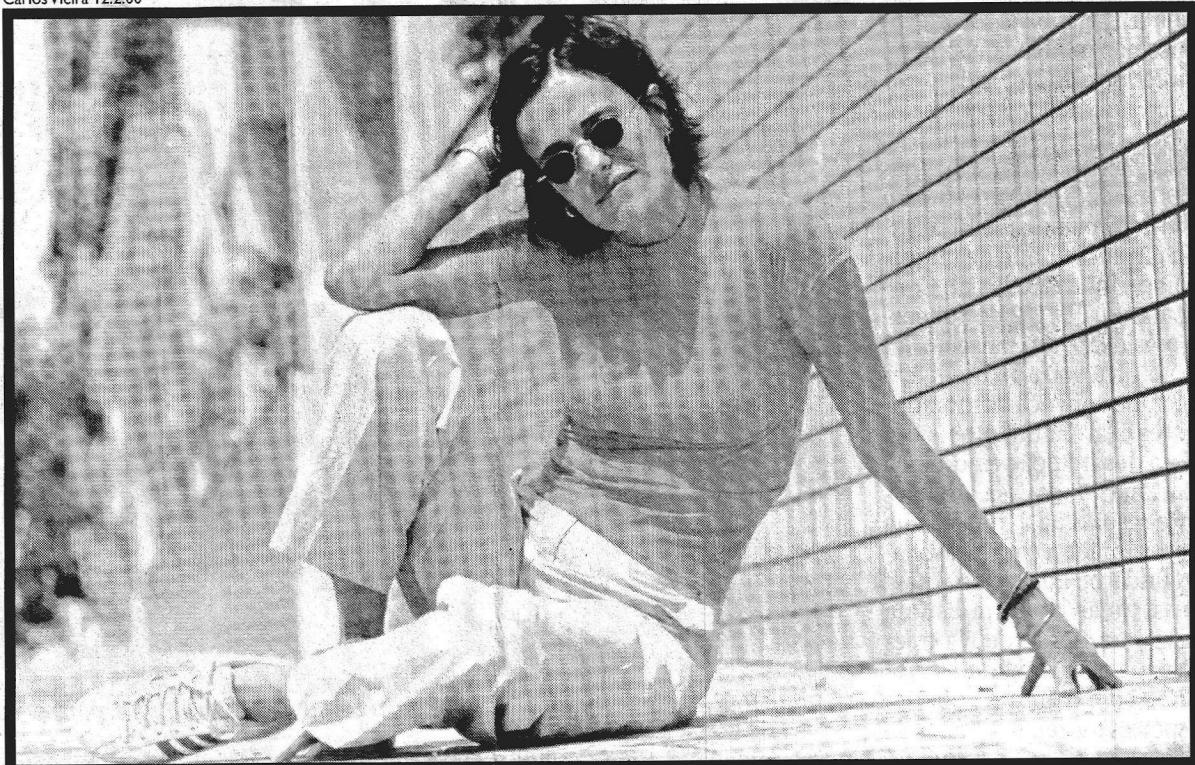
Beiruteana assídua, a atriz Françoise Fourton lembra bem da segunda vez em que morou em Brasília, de 1979 a 1984. “Era onde encontrava os amigos depois das peças, dos shows. Adorava ver o Liga Tripa tocando. Costumava ir à Barragem do Paranoá, onde tinha um restaurante de comida caseira ótimo.”

Mas, inesquecível mesmo, para Françoise, é o pôr-do-sol de Brasília, “o mais lindo do mundo”. Carioca, ela era criança quando chegou à nova capital, antes mesmo da inauguração, em 1959. “Sou candanga legítima, morei em acampamento e testemunhei o crescimento da cidade até 1973. Em 1979, quando voltei, casada, fui morar na 407 Sul e estudar teatro na Faculdade da Dulcina de Moraes”, conta.

O vocalista do Capital Inicial Dinho Ouro Preto é outro que viveu na cidade em períodos intercalados: 1965 a 1966, 1973 a 1977 e 1979 a 1984. Filho de pai diplomata, morou em várias quadras do Plano Piloto, mas sente saudade mesmo é da última fase, quando participou ativamente do movimento BSB Rock, na primeira metade da década de 80.

“Eu ia com frequência ao Gilbertinho, ponto de encontro dos roqueiros, mas marcava presença, igualmente, na 104 Sul, mais especificamente na quadrinha de futebol de salão, para ouvir rock e andar de skate. Estive lá no ano passado, na gravação de imagens para o programa dos Paralamas (do Suces-

Carlos Vieira 12.2.00



A 109 Sul e o Clube de Vizinhança estão na memória da infância e da adolescência de Zélia Duncan

Foto: João Pires/Jump



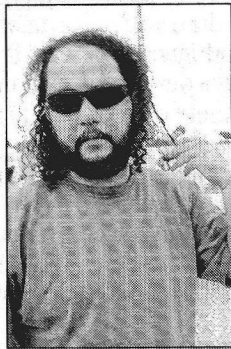
Ricarda
Guará

Foto: Wanderley Pozzembom



Oscar Schmidt
710 Sul

Foto: Cláudio Versiani



Fred (Raimundos)
112 Norte

Foto: Nehil Hamilton



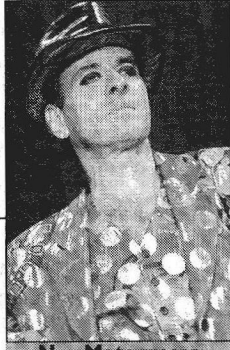
Dinho Ouro Preto
213 Sul

Foto: Luiza Dantas/Carta Z



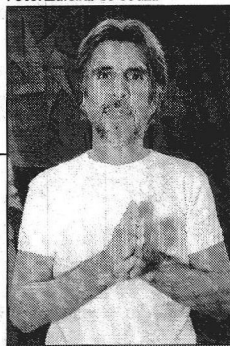
Françoise Fourton
407 Sul

Foto: Jorge Cardoso



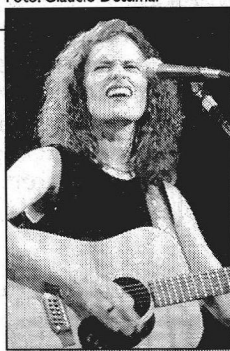
Ney Matogrosso
103 Sul

Foto: Zuleika de Souza



Oswaldo Montenegro
104 Sul

Foto: Glaucio Dettimar



Zélia Duncan
109 Sul

so) na HBO. A gente tomava porre de vinho na Adega (no Cine Centro São Francisco).”

Atleta desde o começo da adolescência, Ricarda, libero da Seleção Brasileira de Voleibol, nunca foi de tomar bebida alcoólica. No máximo um refrigerante, nos passeios ao Parque da Cidade ou ao Centro Comercial Gilberto Salomão. “Achava legal a Feira da Torre, gostava de comprar artesanato lá”, conta a ex-moradora do Guará e de Taguatinga.

Ex-jogadora da AABB, onde foi descoberta, Ricarda já passou por Blumenau (SC), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), e agora está em Sorocaba, São Paulo. “Agora só volto a Brasília no final do ano e sempre vou à Esplanada dos Ministérios apreciar a decoração de Natal.” A propósito, ela diz que não gostou da decoração natalina do ano passado.

Quem também pouco visita os pais na cidade é Oscar Schmidt, o maior nome do basquetebol brasileiro em todos os tempos. Ele morou aqui, na 710 Sul, entre 1971 e 1973, período em que começou a carreira, jogando na equipe infanto-juvenil do Unidade de Vizinhança, na entrequadra 108/109 Sul,

sob o comando dos treinadores Miúra e Zezão — já falecido.

E é disso que ele — atualmente jogando no Flamengo —, se lembra com carinho. “Naquele tempo, quando não estava treinando no Vizinhança, costumava ir pescar no Lago Paranoá. Quando volto à cidade, como bom potiguar, acabo indo comer carne-de-sol naquele restaurante da 111 Sul.”

Fred, o baterista dos Raimundos, esquecia-se das origens nordestinas para se esbaldar com as coxinhas de milho do Pamonhão Kalu. “Comia aquela coxinha desde a época em que o Pamonhão era na 110 Sul, em frente ao Beirute. Até hoje, não deixo de passar no Pamonhão (na 105 Norte). Na última vez que estive lá, cheguei a dar autógrafo.”

Fred, “brasiliense legítimo”, morou na cidade entre 1972 e 1994, primeiro na 305 e depois na 112 Norte. “Houve um período em que ir ao Gilbertinho era de lei. De lá saía para festas em embaixadas, em mansões do ParkWay. Ah, não dá para esquecer do Gates, que sempre deu espaço para as novas bandas e para muitos músicos que hoje brilham nacionalmente.”